

Conflitos sociais da migração internacional: narrativas de migrantes goianos no além-mar

Conflictos sociales de migración internacional: narrativa de los inmigrantes de goiás em el ultramar

Social conflicts of the international migration: narratives of migrants on the overseas

Eguimar Felício Chaveiro

Professor Associado da Universidade Federal de Goiás
Instituto de Estudos Socioambientais – IESA/UFG
eguimar@hotmail.com

Uelinton Barbosa Rodrigues

Professor da Universidade Estadual de Goiás
UnU de Porangatu no departamento de Geografia
uelintonbarbosa@hotmail.com

Resumo

Com o objetivo de averiguar os conflitos sociais que atravessam a vida do migrante goiano no mundo rico por meio de sua narrativa é que foi desenvolvido o presente trabalho. O contato com trabalhadores migrantes goianos expatriados, que retornaram ao país e com os que vivem a situação ambígua em forma de síndrome dos Sem-lugares, isto é, que lá sonham retornar, aqui desejam voltar, foi o procedimento que possibilitou a realização da pesquisa. A tentativa de ler esta situação por meio da desterritorialização global do trabalho mostrou que as diferentes imagens de seus discursos lamuriantes, de sucesso ou de escapatória, as representações e também os interditos costuram uma ideologia da migração internacional. Expressam o lugar de Goiás no mundo e seu desdobramento na vida desses caminhantes contemporâneos.

Palavras-chave: Migrantes internacionais, Narrativas de migrantes, Conflitos sociais, Território goiano.

Resumen

Con el objetivo de averiguar los conflictos sociales que atraviesan la vida de los inmigrantes en Goiás en los países ricos, a través de su narrativa, es que este trabajo se ha desarrollado. El contacto con los trabajadores inmigrantes goianos expatriados que regresaron y los que viven con la situación ambigua en la forma de síndrome de no-lugares, esto es, que sueñan volver, y tienen el deseo de regresar aquí, el intento de leer la situación

a través de la desterritorialización mundial del trabajo, mostró que las distintas imágenes de sus discursos que jumbroso, del éxito o de escapatoria, las representaciones y también los interdictos coser una ideología de la migración internacional. Expresa el lugar de Goiás en el mundo y su impacto en la vida de estos caminantes contemporáneos.

Palabras claves: Inmigrante internacional, Narrativa de inmigrante, Conflictos sociales, Territorio de Goiás.

Abstract

The objective of this paper is to investigate the social conflict that crosses the life of migrants of Goiás on the rich world, by their narrative, is that this work was development. The contact with migrant workers goiano expatriates who returned and those who live with the ambiguous situation in the form of No-places syndrome, i.e., that they dream to return, wish to return here, trying to read the situation through the global deterritorialization work, showed that the different images of his lamenting speeches, success or escape, the representations and also the interdicts sew an ideology of international migration. Express the place of Goiás in the world and its impact on the lives of these contemporary walkers.

Keywords: International migrant, Migrant narrative, Social conflicts, Territory of Goiás.

Introdução

A estrutura espacial do território goiano contemporâneo espelha, com a sua especificidade, o lugar de Goiás na economia brasileira e no mundo. Território desigual e estratégico na composição de uma economia baseada em commodities; atravessado por intensos fluxos de capitais diferenciados em suas regiões; reorganizado pelo que se tem denominado “reestruturação produtiva do capital”; diversificado e fragmentado na organização da forma e do conteúdo do trabalho e com forte pendimento no processo de urbanização concentrada, é solapado por diferentes ondas, tipos, intensidades e direções migratórias.

O Censo 2010 certifica a tendência do Censo 2000 (IBGE, 2010): Goiás possui uma dinâmica demográfica desigual na composição de seus municípios. Continua o ritmo migratório de trabalhadores e estudantes de cidades pequenas para as cidades médias e para a metrópole goianiense; mantém-se o processo de esvaziamento demográfico do campo, embora mais produtivo; especialmente Goiânia, o seu entorno e os municípios do entorno de Brasília juntamente com as denominadas “cidades do

agronegócio” são recipientes de migrantes interregionais por onde o afluxo gera o que Rodrigues da Silva (2012) chama “vida nervosa”; do mesmo modo continuam saindo levadas de migrantes goianos para países do mundo rico.

O trabalho que segue objetiva, por meio da modalidade de pesquisa qualitativa a partir de diferentes procedimentos no levantamento de informações, a escuta de sujeitos, observação de situações, entrevistas em forma de fontes orais e averiguar o modo pelo qual o sujeito migrante narra a sua vida no além-mar. A escuta atenta pretende discernir por meio de sua fala livre, os dramas, as situações frequentes e cotidianas, o enredo de sua vida. Esta narrativa pode traçar uma espécie de cartografia de dizeres migrantes e, assim, expressar as condições universais do trabalhador em estado de migração: os conflitos sociais que atravessam os trabalhadores goianos que, no contexto da desterritorialização global do trabalho, usufrui das oportunidades dos novos processos de comunicação e transporte e escrevem a sua vida em território alhures.

A problemática do trabalho espousa-se na pergunta central: como a narrativa do migrante que vivencia o espaço do país para qual se migra demonstra o sentido universal dos conflitos sociais do mundo contemporâneo por meio da situação espacial de Goiás? O pressuposto teórico que ilustra as reflexões se atém no seguinte: ao narrar a sua situação de trabalhador além-mar, o sujeito migrante de Goiás expressa, em palavras, em interditos, nas frestas de um dizer recheado de ideologias, o desenho da migração internacional a partir da estrutura territorial de Goiás e o seu lugar no mundo contemporâneo.

Os contatos com os migrantes expatriados, com os que retornaram e internalizaram a síndrome do Sem-lugar, situação em que lá quer voltar, aqui deseja retornar, foram procedimentos nucleares do trabalho. Percebeu, nas falas desses migrantes, o sentimento eterno de nunca estar no lugar que deveria ou a observação de um saudosismo ferino da terra natal. Ou ao contrário, alguns sujeitos ressaltaram a honradez de ter vivido no mundo rico, demonstrando nas narrativas um conteúdo geográfico para compreender os conflitos sociais do processo migratório, também a sua força – e as suas possibilidades.

À sombra do mundo rico: palavras dramáticas da vida precarizada

Faz sentido ter atenção às palavras da migrante diante da iminência do desemprego fora de seu país:

“Liguei pra minha mãe em prantos querendo voltar porque não conseguia trabalho. E as despesa aumentava porque tinha minhas despesa e as despesa do J. Ele fazia as minhas, eu tinha que fazer às vezes, aí não compensava ficar lá. Liguei pra minha mãe desesperada. Falei "mãe, eu vou voltar porque não arrumo trabalho”.

72

Os conflitos do migrante internacional – como se viu na narrativa - são de diversas ordens. E todos que adentram o seu cotidiano na nova terra. O mais relevante – e que atinge visceralmente o regime de expectativa do migrante, diz respeito ao mundo do trabalho.

No relato apresentado, a entrevistada foi acompanhar o namorado. Saíra do Brasil esperançoso que, junto ao namorado, pudesse unir dois propósitos: desenvolver as suas relações de afeto com ele e construir possibilidades de angariar uma renda via trabalho. Mas como acontece com quase todos migrantes, essa migrante ficou dependendo do seu namorado.

O seu desespero, acalentado para não assustar os pais, chegou quase a um nível insuportável. Como ela afirma logo em seguida: “há muita fantasia, lá não tem tanto emprego, assim”. Sobre isso, ela diz que:

“Muita gente fica desesperada, não foi só eu, não. Nossa! É angustiante você ir pra um país e ficar um tempão desse sem trabalho. Muita gente... Eu já conheci gente que teve quatro horas de trabalho. Quatro horas de trabalho lá não é nada. Você paga o seu aluguel e o seu transporte. Não sobra nem um vintém. Quatro horas é insignificante. E teve pessoas que já ficou um ano só com quatro horas de trabalho. Essas pessoas choravam, desesperavam mesmo...”

Além disso, se “arrumar um emprego” é tarefa difícil que, em muitos casos, entra numa órbita mercantil com o processo de “venda de trabalho” mediante o tráfico de influência, ou apenas de informação, o susto maior é com as condições de trabalho. Então diz a mesma informante:

“No começo eu trabalhava apenas quatro horas, mas não dava para pagar as contas. Eu era uma camareira, limpava também. Então, vi que tinha que trabalhar mais. Então, arrumei mais um emprego de quatro horas, até arrumar o terceiro emprego. Com esses três começou a compensar, dava para pagar as

contas, ajuntar um dinheirim... Lá todo mundo é assim: eu era quem trabalhava menos”.

A jornada de trabalho é o que mais assusta o migrante e o coloca num conflito interno. Os que são determinados e sentem que necessitam de trabalhar mais resolvem o conflito interno, procurando novos empregos. Os que vêem que para acumular uma renda possível de fazer pequenos investimentos em seus lugares de origens, necessitam de precarizar o corpo, entram num beco sem saída: se voltarem, representam para si um fracasso; se ficarem, se sentem humilhados. Um informante diz:

“Lá tinha um rapaz de Goiânia, coitado, coitado! Ele trabalhava mais de 20 horas. Ele dormia apenas duas horas. Ele começou a ficar louco, bater a cabeça na parede, gritar, chorar. Delírio mesmo. A maioria é assim, tem que trabalhar muito, muito. Se não trabalhar como faz?”

O acúmulo de jornada de trabalho para gerar compensação financeira dissolve um mito ideológico do processo migratório e revela o conteúdo social de sua face: a diferença da moeda e a precarização das condições de trabalho são características que definem a diferença de renda entre o trabalho exercido no Brasil e nos países ricos.

Vê-se que o processo é mediado pela divisão internacional do trabalho e pelo modo de acumulação financeirizada. Mas dois aspectos se apresentam aí: um é que o processo de precarização da vida se estende em diferentes aspectos. Diz um informante:

“Ah, a gente tenta comer o que a gente come aqui. Mas tem migrante que come qualquer coisa, ou chega até não comer para economizar. Tem gente que fica doido por causa do dinheiro. Fica doido. Aí não come. Passa fome. E tem gente que não tem tempo nem de cume. Come lanche no trabalho. Eu conheci um rapaz que magreceu 15 quilos num ano...”.

A relação entre trabalho, precarização de vida e alimentação traduz-se num interessante foco: o processo de trabalho do migrante goiano no mundo desenvolvido responde por desenvolver uma corporeidade profundamente sofrida, esmagada, espoliada. A corporeidade desse migrante é então comandada pela relação capital/trabalho na condição aviltada gerida pela ânsia do dinheiro. E inclui a situação global do mercado de trabalho. Assis (2000) explica que:

A transformação da estrutura do mercado de trabalho está intimamente relacionada com as mudanças que também ocorreram na organização industrial. É o que Sassen chama de ruptura da estrutura tradicional do trabalho. A subcontratação organizada, por exemplo, a oportunidade para formação de pequenos negócios, em alguns casos, permite que antigos sistemas de trabalho doméstico, artesanal e familiar revivam e floresçam. Constata-se também a proliferação das economias ‘informais’ e ‘clandestinas’ no mundo capitalista avançado, com retorno de formas de produção que envolvem exploração, principalmente nos setores ocupacionais mais baixos nas grandes cidades. Isso significa, portanto, uma transformação no modo de controle de trabalho e de emprego.

A corporeidade definida pelo “trabalho árduo”, própria da “ruptura da estrutura tradicional do trabalho” entra na rota de uma contradição: enquanto do século XIX para o século XX apresenta a luta dos trabalhadores por diminuição da jornada do trabalho, o migrante entra numa rota adversa, estende-se a sua jornada em níveis excessivos. Diz o migrante:

“Quase todos os primos de nossa família ficou doente. Enquanto ocê ta trabalhando, vai, mas depois, fica doente. Muitos tiveram que ficar internado. A gente ajudava. Mas tem gente que muda demais: não ajuda ninguém, não. Fica doido por dinheiro. Outros ficam doido e bebem muito, bebem demais. Aí gastam o dinheiro todo. Cê sabe, lá tudo é muito caro”.

Ao observar o relato, foi possível perceber que quando o migrante sai de uma representação de sucesso, isto é, quando sente que pode esmiuçar a sua situação, pode haver um posicionamento crítico. No relato feito, percebe-se que há um conflito interno, ou seja, a situação difícil gera uma exposição também dos preceitos da pessoa, como o sentimento de solidariedade ou o individualismo.

A ideologia da migração: a oscilação da narrativa do migrante

Como se viu, o organismo responde pela flagelação do excesso do trabalho. Mas a doença não atinge apenas as esferas dos órgãos. No relato visto, ela entra no processo subjetivo, no sistema nervoso, nas representações mentais, como é o caso dos que “bebem para esquecer a vida sofrida”. Essa condição subjetiva é relatada pelo migrante:

“A gente fica muito esquisito. No começo, não vou mentir procês, não: eu achava tudo bonito, tava com meu namorado. O país é lindo. Mas depois veio coisa estranha, sonhava cada sonho doido, pesadelo, sabe! Estava longe do meu pai, da minha mãe. O meu pai tava doente: não sabia o que tava

acontecendo com ele. Dava um desespero. A gente não tem tempo de pensar direito. Corre demais...”.

Ao verificar que a precarização do trabalho entra na ordem subjetiva, inclusive no inconsciente do migrante, como relatou pelos sonhos que tinha, tentamos averiguar o modo como fazia a leitura da sua condição de migrante. Então perguntamos para vários deles “o migrante mentia para os parentes que estavam no Brasil ou falavam a verdade”. Veja as respostas:

“Mente. Muitos mente. Fica com vergonha, de dizer a verdade pros parente. Eu cheguei a falá prum amigo meu: não mente não, sô! Eu não acho que deve mentir, não. Mais é difícil falar pros país o que a gente passa. Se os país ficá sabeno, eles fica doido. Eu não quiria menti, mas não falava pra minha mãe tudo, né! Não falava por causa pra evitá a dor dela”.

“Ninguém conta o que passou, não. Tem gente que passa fome. Tem gente que entra na droga. Tem gente que muda demais. Lá é outra pessoa. Agora, todos falam que ganham muito, que lá só tem coisa boa. Isso não é verdade. Lá é uma reclameira danada...”.

“Quando eu fui foi que eu vi que não sabia direito o que era lá. Aqui ta difícil. Eu não vou reclamá, não. Ganhei um dinheiro que eu não ia ganhá aqui. Não ia. Mas sofri demais. Batalhei. Compensou. Só que eu nem dô conta de falá procês o que eu passei. Tenho até medo de falá”.

Especialmente os migrantes que são determinados pela ideologia do dinheiro preferem mentir que não mentem: “Não, lá nunca sofri preconceito. Fui bem tratado. Trabalhava como aqui mesmo no Brasil...”.

Observa-se que a representação do migrante sobre as condições de trabalho – e de vida – é mediada pela ideologia burguesa. E muitos casos, as situações de sofrimento são escondidas para proteger os país; em outros casos, revelá-las é o mesmo que dizer “que o corpo é prostituído e aviltado pelas condições difíceis de trabalho”.

Uma informante foi categórica ao dizer: “se for viver lá, não compensa. Lá não pode viver. Eu tenho uns primo que bebem, viajam. Cadê o dinheiro. Eles não trouxe nada. Nada mesmo. As mães deles tiveram que pagar as passagens deles para eles vir visitar elas”.

Ainda que a representação das condições de migrante seja, ideologicamente, escondidas, há um conflito concreto no modo como o migrante se sente perante o seu futuro. Numa espécie de síndrome dos sem-lugares, quando estão fora do país pensam o sacrifício do trabalho para terem uma volta e uma vida digna; quando retornam ao

Brasil, ficam estranhados e entristecidos por terem se iludidos com a migração e não terem realizados os seus sonhos.

Ao inquirir a migrante que conseguiu, juntamente com o parceiro, acumular uma boa poupança, se sentia realizada ou se desejaria voltar. Ela narrou:

“E pior que dá vontade de voltar mesmo. É uma coisa impressionante. Você sente saudades daquilo. Eu, às vezes... Eu tava sentindo saudades. Esses dias mesmo, eu me peguei pensando em voltar. Você sente saudade. É uma coisa estranha. Sei lá. É estranho mesmo. Não porque eu queira voltar, porque eu não quero. Mas tem dia que você sente saudade. Da correria, de poder comprar as coisas assim com muito mais facilidade. Dá uma confusão na cabeça”.

Isso que ela chama de “confusão na cabeça” se traduz numa espécie de culpa por não ter tudo aquilo que imaginou. Diante da culpa, pensa em voltar. Mas vendo a tranqüilidade de se morar em seu lugar de origem, coloca a vontade em dúvida. Ela continua explicando esse processo:

“Até hoje eu tô. É muito estranho. E eu não quero voltar. Mas tem dias que você se pega pensando 'Nossa! Eu acho que vou voltar'. Você sente tanta falta da correria, de tudo. Só que é horrível, a gente é humilhado demais. Não tem vida naquilo. Se você for pra juntar dinheiro, você não tem vida. Não é igual aqui. Você tá com a sua família. Você pede uma informação sem medo. Lá é horrível. Você tem medo de polícia. A gente fica com medo de policial na rua. Eu não passo nem em frente.”

Veja que no interior da própria narrativa a perplexidade se soma. O seu tom emotivo, a sua dúvida, a própria justificativa incluindo a presença da família, o medo da polícia por ser ilegal, arrebatam a sua consciência. Ela fala:

“Eu me sentia humilhada todos os dias lá. O jeito de tratar deles é horrível. Horrível mesmo. É por essas e outras que a gente. Eu não penso em voltar. Eu que eu era, deus me livre, massacrada no trabalho. Só porque eu não sei se eles sabem que é feito contrato com esse tanto de migrante não legal. Pra eles, nós somos legais, porque a gente vai com documento falso, e eles nos contratam. Aí a portuguesa, nossa, ela humilhava, explorava muito a gente no trabalho. Ficava chantageando, "ai, vocês não têm o direito de reclamar, não" Tipo. Ela falava isso o tempo inteiro. Explorava a gente no trabalho demais, mandava a gente fazer um monte de coisa e as outra não faziam.”

Ainda que diz “que não pensa em voltar”, na verdade pensa; é acometida por esse conflito. Outro migrante é mais decisivo:

“Olha, eu fui deportado. Ficava com medo de ser pego. Sofria demais, olhando prus lado. Paranóico. Sei lá, paranóico. Até que um dia, eles me pegaram. Vim pra cá, não foi ruim, não. Vi o meu pai, a minha mãe. Já tem mais de um ano que to aqui. Agora to trabalhado. Não to descontente, não. Mas quero voltá. Quero memo. Eu...eu não deu tempo pra juntá o dinheiro que eu quíria. O dinheiro que eu trouxe não dá pra tocá nenhuma coisa pra mim...”.

Um dos sonhos do migrante é a volta. E com ela trazer um dinheiro que seja possível tocar um negócio próprio. Essa vertente liberal é o centro das dúvidas do migrante. Outro informante diz:

“Não, meu objetivo é de montar um negócio pra mim, entendeu? Então, minha intenção é essa de ir pra lá e tentar abrir alguma coisa pra mim, mas o dinheiro não é o suficiente, mas eu tenho a intenção de trabalhar pra abrir alguma coisa pra mim, apesar de que hoje, tá difícil demais aqui. Aqui, qualquer coisa que você for mexer aqui, é perigoso você fazer... Melhor investimento que eu acho é fazer casa, alugar e fazer sala comercial. Eu acho que o certo é isso, sabe, mas pra isso tem que dá sorte, tem que dá sorte de entrar, de arrumar um serviço lá também”.

A leitura do migrante sobre as dificuldades de lá – e as dificuldades daqui – mostram a dificuldade de ver a totalidade social do processo. Tanto lá sofrendo humilhações e tendo a vida precarizada como aqui com dificuldades de reproduzir as condições dignas de existência, não lhes foi possível perceber o sentido social da migração ligado ao modo de produção capitalista na ordem histórica vigente.

Conflitos culturais da migração internacional

O processo de ideologização que o trabalhador migrante produz diante de sua situação muitas vezes ancora em imagens construídas no próprio Brasil. Essas imagens são delineamentos também no modo como o Brasil é enfeixado por signos negativados do próprio país.

“A malandragem do brasileiro, eles levam. Inclusive, não sei se... isso, algum pessoal, muita gente teve problema com gente do Novo Mundo de roubar, de fazer alguma coisa errada. Todos os bairros têm, mas o Novo Mundo tem a fama de ser mais e, realmente, muitas coisas comprovam. Tem uns que migram daqui pra Londres, continuam com a mesma situação. Roubam moto. A cultura do roubo que eles tinha no nosso país, ele levou pra lá. E, às vezes, a própria pessoa quando se diz que é do Novo Mundo, ela é marginalizada. Eu digo que sou brasileiro, eu tenho um tratamento. Se eu disser que sou brasileiro e sou do Novo Mundo, as pessoas até aprenderam o nome pela quantidade de problema que existe”.

A narrativa desse migrante apresenta a leitura que o migrante faz do brasileiro ancorado na imagem de que “o brasileiro é malandro por natureza tropical”. Essa leitura é complexa pois toma como referência a imagem inglesa feita do Brasil aportado numa concepção xenófoba de todos aqueles que, historicamente, não exploraram o país.

O migrante-narrador toma a representação xenófoba como sua e internaliza-a para ler a situação social do brasileiro: “muita gente teve problema com gente do Novo Mundo de roubar, de fazer alguma coisa errada”. Essa visão aparece como conflito entre brasileiros e brasileiros. Outro migrante diz:

“Olha, tem brasileiro que chega lá e quer ser o rei, pensa que é o rei. Não olha pra ninguém. Acha que mora num país rico, bonito e cuspe no prato que comeu. Eu fiquei decepcionado. Eu não tive ajuda, não. Foi difícil. O egoísmo é grande demais. Eu já vi briga braba de brasileiro com brasileiro por causa de pouca coisa. E já vi gente ficá decepcionado até com parente. Eu fiquei muito decepcionado”.

Essa decepção mostra que as redes de migrantes, além de costurarem a ida, o emprego, a moradia, definem também territorialidades de afeto e de tensão além do Atlântico. Essas territorialidades definem encontros, festas, às vezes apoio, namoros, passeios e lançam uma profunda disputa por dinheiro:

“Eu emprestei dinheiro prum danado. Ele quase chorava, dizia que tava passando fome, isso, aquilo. Aí emprestei de novo. Depois descobri que ele era malandro. Outros amigos disseram que tinham emprestado também. Lá existe isso. Tem gente lá que tem preguiça de trabalhar. O trabalho duro. Oê acha que trabalhar daquele tanto é fácil, num é, não”.

Mais a frente comenta com emoção:

“Eu tive ajuda demais de uns amigos aqui de Goiânia. Se não fosse eles, eu não sabia, não!!! Não sabia. Às vezes a gente fica fraco da cabeça, dá uma doideira, dá vontade de pular o mar, ver as pessoas, abraçar, comer aquela comida da mãe da gente, né! Ver as pessoas, andar na cidade sem medo”.

Perguntamos como era a saudade:

“Rapaz saudade, saudade é coisa doida. Eu quando cheguei sonhava demais. Era uns sonhos esquisitos. Ficava até com medo. Depois fui acostumando, acalmando. Agora saudade, a gente sente. Sente muito memo. Você pensa – quando tem tempo para pensá – que nunca mais vai voltá, que vai morrer sem vê as pessoas. É ruim demais. Mas depois acostuma. É a vida, né”.

Interessado em saber como o conflito subjetivo invade o inconsciente mediante o sonho fizemos uma pergunta com tino duplo: “o que ele sonhava e se as pessoas que ganhavam mais dinheiro tinham tanta saudade”. O migrante rindo brincou:

“Sabe que eu não tinha pensado nisso! É verdade: quando a gente ganha um dinheirinho acaba a saudade. Olha lá tem brasileiro mitido. Tem uns que fala inglês e acham que são ingleses, sabe! Eles acham tudo. Falam que não que voltá, falam que acha bão lá, fala tudo...Os sonhos? Eu sonhava com cobra, monstro, esses negócios...”.

Fora os sonhos, o fato que sofreu uma contradição entre os informantes foi o tratamento que os trabalhadores migrantes sofriam pelos ingleses. Um informante contente com a sua situação narra:

“Não, o preconceito sobre o estrangeiro depende de partes e depende do quê. O brasileiro hoje, principalmente no estrangeiro, é muito cotado como, é marginalizado pelo fato dele próprio. Os primeiros brasileiros que chegaram, bem... eu conheci brasileiros lá que tem vinte anos de história, quinze anos de história, quando eles entraram no país, alguns até pediram a dupla nacionalidade, optando após pela própria ou excluindo a nacionalidade brasileira, tirando de si. Acho que é uma ignorância, mas tudo bem, é opção própria, mas seria o fato das pessoas mesmo terem fazendo errado. Os brasileiros, de um modo geral, os bancos... Os brasileiros costumavam dizer que eles eram bobos. Se você vai num banco e você é um imigrante legal ou ilegal, antes davam oportunidade pra que você legalizasse, fizessem um mínimo pra você abrir aquela conta no banco. É algo muito simples pra eles. Os brasileiros começaram a agir de forma seguinte, fazia um documento falso, com uma foto própria e um nome que não tinha nada a ver e abriam conta. Tinha brasileiro que tinha seis, sete contas, cada uma com um nome diferente. Chegou um ponto há três, quatro meses atrás, uma rede bancária, havia uma foto duma brasileira, ela tinha abrido cinquenta contas com diferentes nomes na rede bancária. Eles tavam oferecendo dinheiro pra quem desse informação sobre ela, que ela eu um prejuízo muito grande, não era divulgado o valor do prejuízo, mas era muito grande. Sabe-se que era algo extraordinário, em relação ao dinheiro, principalmente se você transformasse a moeda em real. E assim as pessoas vão se marginalizando. Por si próprio. Eles vão se mutilando, se mutilando aos poucos e as pessoas acabam excluindo. Se você vai pro trânsito, a maioria dos acidentes hoje, pune os brasileiros. Que o brasileiro lá, a maioria trabalha com moto, trabalha com *delivery*, trabalha muito com entregas. Tem muito acidente e eles, a maioria tá envolvido, tem muito brasileiro envolvido em acidente. Ah, o sistema bancário tem problema com brasileiro, com todas as culturas têm, mas eu tô dizendo sobre a minha que era a que eu convivia mais.”

A culpabilização do migrante brasileiro, apregoando que ele se marginaliza é profundamente contravertida por outro informante, mostrando que o conflito perpassa a produção da imagem de si. O que se vê nas narrativas é a importância de um dizer

infiltrado de ideologia que responde por conotações diversas. Rodrigues da Silva (2012, pg. 151) explica que:

“A imagem do migrante como ladrão de lugares, como forasteiro ou intruso, por sua vez se sobressai e é apontada na origem de doenças como o Banzo, a síndrome dos sem-lugares. Ou reforça, noutro pleito, a rejeição pelo genótipo do migrante. Dito de outra forma, a xenofobia em virtude da origem geográfica. O lugar é um útero para criar eixos de vida, enraizar. A perda do lugar pode cindir referências psicológicas do indivíduo que migra”.

Especialmente, os que tiveram mais oportunidades e, em nome do acúmulo de dinheiro, silenciou o sofrimento, isso é mais evidenciado. Mas os que não tiveram tantas oportunidades se colocam contra essa representação narrando fatos covardes:

“Adoece mesmo. Assim, eu não sei porque lá, a gente trabalha com água quente. Lá é duas torneira: quente e fria, sabe. Às vezes, a pessoa liga as duas e já vai indo com... e acaba com a pessoa tudo. Geralmente, o pessoal que trabalha em restaurante, nossa, são os que mais sofre. Eu não sofria tanto no meu trabalho não porque o meu sofrimento maior era só correr dos meninos lá, sabe. Tinha uns muleque lá em Londres lá que eles são terrível. É uma cultura deles que eles têm lá. Pegar entregador de pizza e porretar, roubar pizza, roubar moto, pôr fogo na moto. É isso. Negócio deles é isso. Tacar pau, pedra”

Narrando com veemência emocional, este migrante mostra o sinal na pele. Entre risos e raiva um sentimento de força lhe toma conta. Ao fazer a narrativa, deixa entremear a sua sede de vingança e a sua consciência da brincadeira dos adolescentes ingleses de, ao saberem que os entregadores de pizzas brasileiros são ilegais, usam-nos para exercer uma xenofobia principiante. Perguntamos se ele sentia-se humilhado. A resposta veio pronta:

“Eu senti muito humilhado, dava vontade de matar, dava vontade. Era muita covardia. Às vezes eu pensava porque eu estou sofrendo isso. Mas vamos apanhando tanto que acostumamos, vamos aprendendo a negociar, sair deles. Mas a minha raiva era tanta, que um dia eu fiquei sabendo que tinha uns mininos ingleses aqui em Goiânia, eu fui lá para bater neles. Fui mesmo. Ainda bem que eles tinham ido embora. Eu ia bater neles”.

Mais à frente declarou que

“É. Não tinha jeito. Se você ligasse pra polícia, a polícia não tava nem aí, pegava você e deportava. Tava ilegal, né. Então, às vezes, os policial fazia até rir da cara da gente, tava vendo a situação lá e não fazia nada porque eles já fizeram isso, os próprios policial mesmo já fizeram isso, há alguns anos atrás

eles fizeram isso. Quando eles eram... É terrível. Lá é terrível. Lá o nosso problema maior é os muleque.”

Fora a humilhação, a violência carnal e simbólica, o mais interessante é observar que alguns migrantes mentem: “Não, eu não sofri violência nenhuma. Eu fui muito bem tratado. Fui mesmo, Graças a Deus”. Isso mostra que a representação envolve a produção da imagem de si para os que estão aqui. E isso é feito amparado pela consciência social que cada um construiu. Na pesquisa feita, nem sempre os que possuem escolaridade maior são os que portam essa consciência. Às vezes são os que mentem mais.

Inquirimos essa situação numa entrevista perguntando se é comum as pessoas dizerem que têm muito dinheiro e na verdade, não tem. O informante foi taxativo:

“Vou falar para vocês um negócio: quase todos mentem, sabe, eles ficam envergonhados, dizem que vão comprar isso e aquilo no Brasil, e cadê? Os meus primos e amigos, pouco foi os que trouxeram dinheiro. É muito pouco. Tem uns que não dão conta nem de pagar a passagem de volta. Isso que é a verdade. Oh, eu trabalhei muito. Muito mesmo, sacrifiquei, e fui deportado. Só trouxe C\$ 50.000,00”.

Perguntamos se esse migrante sabia da família de alguém que havia se decepcionado. Rindo ele comentou: “Quase todos, meu fio. Não tem essa, não: os pais ficam esperando os filhos trazê dinheiro – e cadê dinheiro? Só traz um pouco, depois volta de novo, quer voltar. Chega compra carro, tal, depois tem que vendê pra voltá durinho. É assim”.

Quando partimos para perguntar sobre o preconceito recebido, os migrantes goianos divergiram, embora quase todos dissessem que “o perigo inglês era os negros”:

“Preconceito. E lá é o seguinte. Lá, eu assim, eu moreno, da cor mais escura, chegou lá, gente, mas eu fiquei com raiva de negro, porque lá eles são estúpidos demais.”

“Vou falar para você, os negros, olha, eu nem gosto de falar, né, mas. Os negros lá são violentos. Hoje eu tenho raiva de negro. Raiva mesmo”.

“ Não sofri preconceito, tem os negros, né. Eles são difíceis, mais passa, só dá um jeitinho...”

Querendo mergulhar mais na compreensão desse fato indicamos a pergunta: será que é violência do negro contra migrante é a revanche do preconceito que eles sofrem. A resposta foi titubeante:

“É. Pode ser. Pode ser. Eu não sei não. Eu não entendo, sabe. Eles parece que não tem coração”.

“É, eu acho que é, eles vem dos países da África, né. Então eles sofreram preconceito. Eles tem origem na África”.

“Eu acho que é isso mesmo, viu. Acho mesmo. Parece que eles são ressentidos, uma coisa esquisita, violenta”.

“É difícil falar, né, porque a gente não sabe direito. Eu sei que eles são violento, bebe demais, fuma. Povo difícil. Difícil mesmo”.

Percebe-se que há conflitos de brasileiros com brasileiros, conflito do indivíduo com ele mesmo e também de pessoas que estão fora do país com afetos que estão no Brasil:

“Olha, eu já fiquei sabeno. Fiquei sabeno, não. Eu vi pessoas deixarem as suas esposas aqui e arrumar outras namoradas lá. Arruma mesmo, brasileiro com brasileira, né. Arruma, como que faiz. E aí o trem fica feio”.

“Tem pessoas que ficam desorientadinho sem mulher, filhos, né. É um sofrimento grande. Então eles qué trazê a família, depois esquece”.

“Lá tem gozação também, a gente fica falando assim, oia a sua mulhé ta te chifrano”.

“Tem gente que aí valoriza mais a família. Eu valorizei mais a minha família, que saudade da minha mãe, do meu pai, dos meus irmãos...”.

O fato é que o distanciamento da terra natal, da família, da esposa ou da namorada gera uma mobilização no afeto. E alguns dizem que a Internet é o ponto de ligação. Outros falam que usavam sempre que podiam o telefone. E alguns chegam a sintetizarem: “Sabe, eu voltei mais, foi por conta da família. Isso não tem preço que paga”.

Há os que brincam com todo tipo de estranhamento revelando que a “alma migrante internacional” é obrigada a enfrentar diferentes e longas trajetórias. Essas trajetórias incluem desde a viagem, a ligação com a moradia, o distanciamento dos

amigos, as condições de trabalho, o tipo de alimentação, a forma de lazer e as diversas representações sociais. O informante diz:

“Deixa eu ver... Eu comecei... eu já estranhei na hora que eu peguei o avião aqui, né. Eu nunca tinha andado de avião na minha vida, eu já peguei avião aqui, já fui cagando nas calça (risos). Eu pensava ‘eu nem vou chegar vivo’. Aí depois que eu peguei esse avião aqui, parou lá em São Paulo, peguei outro, eu já fiquei mais tranquilo. Aí eu cheguei na Suíça, aí na Suíça eu fiquei uns dias lá. Aí, mas lá em Londres é igual a Suíça. Porque a Suíça é um lugar fantástico. Só que eu cheguei Londres, Londres é praticamente igual um chiqueiro. Eu entregava numa região lá que é um chiqueiro mesmo. O pessoal lá bem porco. Os ingleses são porco. Tinha vez que eu ia num lugar lá pra entregar pizza, o lugar assim que quando abria a porta, num agüentava, cachorro, gato misturado lá, aquela coisa toda. Oh, vinha aquele cheiro, aquela carniça. Eu já entregava a pizza assim, já virando pro outro lado, sabe? Bastante. Eu fiquei com medo naquela época, porque brasileiro lá, eles não pode ver que já começa a levar no couro”.

A narrativa sobre a higiene da cidade e da cultura inglesa tem, aí, um tom de ira. E termina exatamente no mais gritante que são as surras. Mas dizer que os ingleses são porcos entra como uma espécie de combate de representação: eles batem, mas fedem. Isso segue com a representação que faz da conduta de trabalho do inglês. Ao narrar a saga de fuga de policiais e o mecanismo que levou a sua expatriação, ele ataca:

“Eu tava assim. Eu tava fazendo uma entrega, porque verão lá, inverno, inverno é a melhor época que tem pras pessoas irem. Eu sempre falo isso pras pessoas que querem ir pra lá ‘não vai no verão não, não vai no verão não que você vai rodar. Vai no inverno, porque no inverno, é assim, eles abre a porta pra você ir, mas no verão eles começam a pegar’, porque, os ingleses lá, na verdade, eles precisam dos imigrante pra trabalhar lá, pra movimentar a cidade, entendeu? Porque os inglês lá tudo é preguiçoso, essa é a verdade, eles são tudo preguiçoso, mas só que eles precisam um pouco do imigrante, mas só que tem hora que tem migrante demais, aí, ah, sei lá, dá um caos lá na cidade. Aí na época do verão eles costuma pegar o pessoal pra deportar mesmo, pra mandar embora. Aí por infelicidade minha, eu trabalhava na rua de moto, o policial... Já tava caçado mesmo. Aí eles me achou, me pegou, e eu tentei sair, passar por português. Português lá tem acesso livre, né, de um modo geral. Aí eu tentei. Não, vou dar uma de português aqui que eu quero escapar. Aí tava tudo dando certo. o problema que eu tinha pegado minha moto que tava no meu nome, aí eles pegaram minha carteira, na carteira mesmo que eu..., carteira tipo... Aí ele checkou a moto e checkou e na migração eles checkaram o meu nome. Eu fiquei como ilegal seis meses, né. Porque tem gente que compra moto lá e põe no nome de Roberto Carlos, entendeu? Porque aí, a multa não é, tipo assim, é pro seu nome, não é pro veículo. E lá também você não é obrigado a andar com carteira de habilitação, nem nada. Você não é obrigado a andar. Eu nunca andei, né. A carteira nossa que é, vocês falam, internacional não vale pra nada lá. Não vale nada”.

Junto com a narrativa demonstra os modos como tentam driblar a fiscalização. Foi aí que quisemos inquirir sobre o modo como o patronato inglês reage diante da ilegalidade do migrante:

“Os patrões... eles querem migrantes. Maltratam a gente. Maltratam muito, mas querem os migrantes de todos os lugares, viu. Eles sabe que pagam menos para os brasileiros, né. E tem essa coisa, né, de não pagar imposto. Tem gente que fica ajudando migrante. Agora tem gente que passa o migrante para trás: fala que vai arrumar emprego, o migrante compra o emprego, aí ele some”.

84

A leitura da situação do patronato inglês segue com um detalhe importante: “você sabe que a maior dos migrantes só faz coisa baixa, né. É limpar casa, banheiro, no máximo entregar pizza. Entregar pizza é um emprego bom demais. Aí as pessoas saem, conhecem a cidade, tem que conhecê”. Outro migrante narra:

“Mas só porque assim, eu dei sorte mesmo. E pizzaria é um dos ramo melhor que tem lá. Mexer com moto... Agora quem faz *cleaner*, limpeza, trabalha em restaurante, rala muito e não ganha tão bem. Agora, moto, em geral, é a melhor coisa, porque lá assim, você vai entregar uma pizza, você ganha uma pizza, você ganha sobre o serviço, e você ganha muita gorjeta, sabe. Os cara, ele dá gorjeta pra caramba mesmo. Não tem nem uma entrega lá que você não ganha um pau, dois pau, três pau, libra, né?! Às vezes fica, bebe muito, e você sabe que lá, eles é fanático em futebol. Aí, tem lugar que os cara dá vinte conto. Vinte conto, na época, transformava em reais, dava cem reais. Entendeu? Uma entrega, então... Eu cheguei a ganhar numa época lá, seiscentos reais num dia de rodízio. Seiscentos reais”.

Como se viu, o papel da gorjeta é importantíssimo na renda. Mas não tem todas as atividades geram essa ação. Isso marca também uma diferenciação na renda dos migrantes que pode ser relativamente grande. E que, posteriormente, vai significar mudanças na sua representação do trabalho e do processo migratório e gerar também conflitos intrabrasileiros. Esse cenário de conflito se estende no modo como os migrantes exercem a língua ou padecem por não exercê-la.

The Book on the table : a palavra custosa que vale dinheiro

Convém dedicar-se à compreensão de componentes culturais:

“Aqui, o começo da dificuldade é a língua. A gente não sabe nada da língua. A gente descobre a importância da língua da gente. Eu não sabia que era tão importante. Oê olha um, outro, olha os letrados e não entende nada. Eu fiquei preocupado no começo; depois fui me virando, sem aprender. Aqui

tem português demais, muito brasileiro, né. A gente vai se virando. Mas não é fácil”.

Ainda que o espaço contemporâneo é compreendido por uma profunda circulação de símbolos que carregam marcas, estrangeirismos, substantivos americanizados e, inclusive gírias, para a maioria dos migrantes que trabalham em Londres, um grande problema é a língua. Quase todos entrevistados dizem a mesma coisa: quem sabe a língua tem melhores condições de conseguir melhores empregos. E tem maiores condições de se proteger, comunicar, arrumar namorado ou namorada, entrar mais na vida social do país. Mediante a língua se situa também um certo tipo de medo:

“Eu fico com medo de sair sozinho. A gente sai de turma quando sai. A gente não entende as coisas, fica difícil a comunicação. Quem trabalha na rua aprende alguma coisinha, mas quase todo mundo não aprende quase nada. Nós ficamos com grupos de amigos, com colegas, parentes. Aí a gente joga baralho quando pode; toma uma. Sair é difícil”.

A dificuldade de falar, ler e compreender a língua inglesa acaba ajudando a exercitar territorialidades ou grupos. Esses grupos, além de falarem a língua de origem, desenvolvem uma sociabilidade, traça uma espécie de circuito espacial no velho mundo. Essas territorialidades instituem pertencimentos, ritmos, costumes da terra de origem:

“Nóis fica conversando, lembrando as coisas do Brasil. É um momento bom. Faz um churrasquinho quando pode, pois a carne é cara demais, brinca uns com outros. Cada um ajuda no que pode. Quem sabe inglês ensina o outro, anda com o outro pra fazer compra, para cuidar das suas coisas. Agora, tem gente que não quer aprender”.

Percebe-se que há laços de solidariedade que, muitas vezes, é facilitado pela mobilização da cultura de origem por grupos que falam o português. Mas como se viu na fala do entrevistado, há os que resistem em não aprender, ensejando que além da dificuldade parece querer defender “uma espécie de pátria simbólica” que reside em suas representações. E há outros que se desinibem: “Eu viajei muito. Fui para Paris, Bruxelas, Amsterdã... Viajei demais. Fui aprendendo a viajar, foi uma coisa muito boa”.

As redes de pertencimento ou as territorialidades de migrantes desenvolvem laços de comunicações entre si. Em muitos casos, migrantes que retornam trazem cartas, presentes, recados. E muitos que vão, do mesmo modo, levam coisas do Brasil para

quem está lá. Mas o mais importante, nessa reflexão, é que essas redes ou essas territorialidades atuam no sentido de preservar a cultura, safar-se do desconhecido, proteger-se do medo e do susto do que lhe estranha.

No caso específico do idioma, o percentual que aprende um muito pequeno, demonstrando que a sociabilidade do migrante é profundamente pobre. Isso, de alguma maneira, coloca-o na condição de desejar retornar para o seu lugar de origem. Muitos também, segundo alguns informantes, dizem que aprenderam o inglês, mas na verdade mentem. O idioma se torna, dessa maneira, um desafio cultural, que entra nas condições de trabalho, no processo de sociabilidade e também na composição ideológica das representações.

Considerações Finais

Ao fazer uma escuta geográfica aos dizeres do trabalhador migrante goiano que atravessa o mar em busca de emprego foi possível descobrir o sentido ideológico da migração. Junto a isso, percebeu que o sujeito migrante se organiza em redes, muito das quais alimentadas – e alimentadoras – da precarização do trabalho.

Ainda que a narrativa dos migrantes expressem os dramas de morar em países que, geralmente, o repulsam e que os levam a ter uma jornada de trabalho extensiva e extenuante, o processo exige uma compreensão interescalar. Ou seja, ao pensar o migrante por meio da estrutura espacial, há que se considerar o modo pelo qual o território goiano se organiza.

Foi visto que o processo migratório em Goiás se estrutura numa espécie de sanfona demográfica. Goiás manietado hegemonicamente pelas commodities recebe migrantes inter-regionais, possui uma dinâmica interna de trabalhadores das pequenas cidades para as cidades médias e para a metrópole goianiense, envia migrantes para o mundo desenvolvido fragmentando o território também pelo aspecto demográfico.

Mas o mais evidente é que o chamado efeito sanfona tem outro nível de interação espacial. A internacionalização de sua economia protagonizou um esvaziamento do campo na mesma proporção que aumentou a sua produtividade; e afirmou lugares que, a partir do critério do espaço herdado, já tinha uma saliência econômica bem como um dinamismo de suas forças, como é o caso dos municípios da faixa meridional do estado.

Fora a dimensão escalar e o reordenamento do padrão migratório do país, em que Goiás passa a se classificar numa legenda diferenciada anterior ao processo de modernização do território e da agricultura, há um conjunto de situações existenciais revelado nas falas dos migrantes goianos. O saudosismo, o enlouquecimento, o adoecimento, o medo de ser expatriado, a dificuldade para adaptar-se diante de um idioma que desconhece, o drama da moradia e outros problemas mostram que o processo migratório adentra o corpo do migrante.

Em muitos casos o tratamento xenófobo que o migrante recebe é, em sua conduta mental, recompensado com o que ganha; em outros casos, o sentimento de humilhação contorna-lhe uma situação ambígua: o seu desejo de retornar é ameaçado pelo medo de não ter o mesmo ganho; em voltando, sente-se culpa por não estar ganhando o que lá ganhava. Atravessado por direções ambíguas internaliza a síndrome dos Sem-lugares.

Congruente a um mundo que acelera o modo de produzir, de comunicar, de consumir, o processo migratório se refaz com rapidez. O cenário da direção dos migrantes, a intensidade e também o campo teórico são compelidos a entrarem numa contínua atualização. A chamada NOVA ONDA, o itinerário dos caminhantes contemporâneos, seus conflitos, expressam a desterritorialização global do trabalho, a acumulação financeirizada, o embate político que se abre diante de novos problemas – de novas possibilidades de ler o sujeito e o mundo.

Referências

ARRAIS, T. A. **A Região como Arena Política**. Ensaios Temáticos. Editora Vieira. Goiânia, 2007. 258p.

BARREIRA, C. C. M. A. **Fragmentação das cidades-regiões na dinâmica espacial goiana: o Entorno do DF e Goiânia**. Relatório Técnico Final: MCT/CNPq 02/2006 – Universal. UFG – Goiânia-GO, 2009. 90p.

BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia de população**. Tradução: CARVALHO, L. G. de. 2ª ed. Editora. Nacional. São Paulo, 1980. 442p.

CHAVEIRO, E. F.; CALAÇA, M. **A dinâmica demográfica do Cerrado: o território goiano apropriado e cindido.** In: Universo do Cerrado. Editora UCG. Goiânia, 2008. pp.287-307.

CHAVEIRO, E. F.; CALAÇA, M.; RESENDE, M. C. da S. **A dinâmica demográfica de Goiás.** Editora Ellos. Goiânia, 2009. 130p.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 2004. 400p.

MOYSÉS, A. **O estado de Goiás e a Região Metropolitana de Goiânia no Censo de 2010.** Observatório das Metrôpoles: núcleo Goiânia e do GEPUR-CO, 2011. 27p.

PAVIANI, A. (Org.). **Urbanização e metropolização.** Editora da UnB. Brasília, 1987. 256p.

SILVA, Gilmar E. Rodrigues. **Valparaíso de Goiás-GO: migração e dinâmica socioespacial - 1995/2010,** Universidade Federal de Goiás: Goiânia, 2012.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção.** 3ª ed. Editora Edusp. São Paulo, 2002. 384p.

_____. **A Urbanização Brasileira.** 5ª ed. Editora Edusp. São Paulo, 2009. 176p.

SASAKI, E. M.; ASSIS, G. O. **Teorias das Migrações Internacionais.** XII Encontro Nacional da ABEP 2000. Caxambu, outubro de 2000 GT de Migração. Sessão 3 – A migração internacional no final do século. 19p.

Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento-SEGPLAN. **Produto Interno Bruto dos municípios goianos-PIB/2009.** Goiânia, 2011. 40p.

_____. **Relatório: Caracterização socioeconômica dos municípios goianos.** Goiânia, 2011. 17p.

_____. **Dinâmica populacional de Goiás: Análise de Resultados de Censo Demográfico 2010-IBGE.** Goiânia, 2011. 28p.

_____. **Produto interno Bruto dos municípios goianos-PIB 2008.** Goiânia, 2010. 26p.

_____. **Goiás em dados 2011.** Goiânia, 2011. 106p.

_____. Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação-SEPIN. **Produto interno Bruto dos municípios goianos-PIB 2008.** Goiânia, 2010. 37p.

VIANA, N. **Violência urbana: a cidade como espaço gerador de violência.** Editora Germinal. Goiânia-GO, 2002. 48p.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil.** 2ª ed. Editora FAPESP. São Paulo, 2009. 376p.

Sites consultados

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo demográfico 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.

_____. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

_____. **Resultados Gerais da Amostra – Censo demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 21 jun. 2012.

Companhia de Planejamento do Distrito Federal-CODEPLAN. **Observatório Objetivos de Desenvolvimento do Milênio-ODM**. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/001/00101004.asp?ttCD_CHAVE=216>. Acesso em: 20/12/2011.

OJIMA, R.; PEREIRA, R. H. M.; SILVA, R. B. da. **Cidades-dormitório e a mobilidade pendular: espaços da desigualdade na redistribuição dos riscos socioambientais?** Disponível em: <www.unicamp.br/anuario/2008/IFCH/DD/DD-0012.html>. Acesso em: jan./2011.

Zoneamento Ecológico-Econômico - **ZEE/DF-2010**. Disponível em: <<http://www.zee-df.com.br/produtos.html>>. Acesso em: 15/11/2011.

Recebido para publicação em agosto de 2013
Aprovado para publicação em novembro de 2013